

Percurso de "Madame Bovary" no Brasil

The trajectories of "Madame Bovary" in Brazil

Andréa Correa Paraiso Müller

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil

Resumo: O hoje célebre romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, teve um percurso de circulação e recepção no Brasil oitocentista que só pode ser compreendido adequadamente se relacionado à transformação nos critérios de avaliação de romances que se foi operando, sobretudo no final do século XIX, e ao próprio processo de consolidação do gênero romanesco em nosso país. Por meio de pesquisa de fontes primárias, este trabalho tem por objetivo investigar a atuação da imprensa, de livreiros e de críticos nesse percurso.

Palavras-chave: Recepção. Circulação. Leitura.

Abstract: *Madame Bovary*, the famous novel by Gustave Flaubert, had a circulation and reception in nineteenth-century in Brazil that can only be properly understood if it is related to the transformation of the evaluation criteria of novels that was operating mainly at the end of that century, and the consolidation of the novel as a genre in our country. In this work, we aim to investigate, through research of primary sources, the role of the press, booksellers and critics in this trajectory.

Keywords: Reception. Circulation. Reading.

Introdução

Muito antes que os primeiros romances brasileiros fossem compostos, já havia no Brasil quem apreciasse ficção em prosa e se interessasse pelos livros publicados na Europa. Desde fins do século XVIII, narrativas ficcionais estrangeiras, traduzidas ou não, circulavam por aqui. Os resultados da pesquisa desenvolvida por Márcia Abreu (2003) comprovam a presença no Brasil do que hoje podemos chamar romances já entre o final do século XVIII e o início do XIX. A pesquisadora debruçou-se sobre as solicitações para envio de livros ao Brasil que eram dirigidas aos órgãos responsáveis pela censura: a Real Mesa Censória de Lisboa e, a partir de 1808, também a Mesa do Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro. A partir dos dados levantados pela pesquisadora, observa-se, entre os pedidos para remessa de obras das chamadas belas-lettras, uma significativa presença de textos de prosa de ficção.

Nas primeiras décadas do século XIX, com o desenvolvimento e difusão do gênero romanesco, a circulação da ficção estrangeira no Brasil intensificou-se de maneira considerável. Em meados dos Oitocentos, o advento do folhetim se fez perceber em terras brasileiras: o crescente público local passou a ter à sua disposição uma grande variedade de romances estrangeiros, além das primeiras incursões de escritores nacionais pelo gênero. Os rodapés dos jornais cariocas traziam as tramas de sucesso da ficção folhetinesca produzida na Europa, sobretudo na França. Os livreiros instalados na corte ofereciam à sua clientela, com relativa rapidez, uma grande quantidade de narrativas escritas no Velho Continente. Romances ingleses, alemães, espanhóis e, principalmente, franceses eram anunciados pelas livrarias na imprensa do Rio de Janeiro, tanto em língua original (especialmente no caso das produções francesas) quanto traduzidos.

É possível afirmar que, no decorrer do processo de consolidação do gênero romanesco em solo brasileiro, a ficção estrangeira compunha o imaginário e o repertório de nossos primeiros romancistas, assim como do público que aqui se formava.

Em meio a esse cenário de trocas culturais e de notáveis circulação e leitura de romances estrangeiros no país, algumas obras tiveram trajetórias de recepção particularmente interessantes no Brasil. É o caso de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Seu percurso de recepção praticamente coincide com o processo de consolidação e aceitação do romance como gênero e só pode ser compreendido adequadamente

quando levadas em conta as transformações pelas quais passaram os critérios de avaliação de romances ao longo do século XIX. Neste artigo, procuramos analisar a trajetória de circulação e recepção de *Madame Bovary* no Brasil oitocentista considerando o papel da imprensa, de livreiros, tradutores e críticos literários e entendendo tal trajetória como reveladora dos percursos do gênero romanesco no país na segunda metade do século XIX.

Circulação de *Madame Bovary* no Brasil em meados dos Oitocentos

Publicado em capítulos na *Revue de Paris* entre outubro e dezembro de 1856, *Madame Bovary*, primeiro romance de seu hoje consagrado autor, foi alvo, como sabemos, de um processo movido pelo Ministério Público francês sob a acusação de ofensa à moral pública, à religião e aos bons costumes. Flaubert e os editores da *Revue de Paris* foram absolvidos em fevereiro de 1857, e o romance foi publicado em livro poucos meses depois. O escândalo do processo parece ter atraído os leitores, pois as vendas na França foram bastante expressivas para um estreante: uma primeira tiragem, de 6.750 exemplares, esgotou-se rapidamente; duas outras foram providenciadas ainda no mesmo ano (SUFFEL apud ROBERT, 2003). O sucesso de vendas foi acompanhado de um intenso debate na imprensa francesa: diversas resenhas surgiram nos jornais e nos periódicos literários, algumas parcialmente elogiosas, outras violentamente desfavoráveis, poucas aceitando sem ressalvas o recém-publicado romance. A suposta imoralidade da obra escandalizou os homens de letras franceses daquela época, que tinham na moral um dos mais importantes critérios de avaliação artística, especialmente da prosa romanesca (MÜLLER, 2012).

A imprensa brasileira, embora não tenha sido palco de debate semelhante ao francês, noticiou o processo sofrido pelo então principiante Flaubert. A edição de 20 de abril de 1857 do jornal carioca *Correio Mercantil*¹ publicou um artigo de seu correspondente de Paris comentando os processos judiciais de maior repercussão na França naquele momento, entre os quais o de Flaubert. Após informar que o autor, “um moço chamado Gustave Flaubert” (CORREIO MERCANTIL, 1857, p. 1), fora ab-

¹ Os periódicos oitocentistas mencionados neste artigo foram consultados em microfilmes no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas.

solvido, o correspondente resumiu o enredo do romance, chegando até mesmo a, voluntariamente ou não, fazer uma certa propaganda da obra: “[...] o processo deu-lhe reputação, e logo que seja permitida a sua venda será procurado com furor. [...] Quando o livro for publicado veremos que ele é no seu todo.” (CORREIO MERCANTIL, 1857, p. 1).

Ao que tudo indica, o romance de estreia de Flaubert não chegou a circular no Brasil em 1857, pois não foi mencionado em anúncios de livraria. No ano seguinte, porém, figurou no acervo da livraria Garnier. No catálogo das obras adquiridas pela empresa em março/abril de 1858 (catálogo anexo à *Revista Popular*, edição de out./dez. de 1859, publicada pela casa), entre os títulos agrupados sob a rubrica *Ouvrages français*, encontra-se uma edição de *Madame Bovary* em dois volumes. Consideradas as condições de transporte da época, não podemos deixar de notar a rapidez com que a obra foi disponibilizada pela Garnier aos leitores brasileiros: apenas um ano após a publicação em livro na França, ainda no calor dos debates desencadeados naquele país.

Os livros presentes no referido catálogo foram divulgados ao longo do primeiro semestre de 1858 no *Jornal do Commercio*, importante periódico da corte no qual a casa Garnier frequentemente publicava anúncios. *Madame Bovary* figurou em anúncio veiculado nos dias 2 e 4 de abril daquele ano, em meio a várias outras obras do catálogo de aquisições de março/abril. O reclame não possuía título especial, apenas o nome da livraria e o endereço. Além de recentemente adquiridos, a maior parte dos livros do anúncio eram também publicações recentes: assim como *Madame Bovary*, *Les quatre âges*, de Xavier Marmier, por exemplo, também havia sido publicado em 1857. A livraria mostrava-se, pois, atualizada em relação ao que era lançado no mercado europeu, mais especificamente na França.

Em 12 de novembro de 1859, *Madame Bovary* figurou novamente em anúncio veiculado pela livraria Garnier no *Jornal do Commercio*. Dessa vez, a publicidade era apenas de romances e tinha como título “Romans nouveaux”, título esse que se justifica se observarmos que as obras oferecidas, todas em francês, foram publicadas entre 1856 e 1859.

Alguns dias mais tarde, em 25 de novembro de 1859, um outro anúncio de romances da Garnier no mesmo jornal trouxe novamente *Madame Bovary* entre as obras. A diferença é que esse segundo anúncio em que o romance de Flaubert apareceu no ano de 1859 tinha um título mais chamativo, “Romans, nouvelles, etc.. à 1\$000 le volume”, o que não

passava de uma estratégia de venda, pois o preço da maior parte das obras com mais de um volume era o mesmo divulgado em anúncios anteriores. *Madame Bovary* figurou ainda em anúncio da Garnier no *Jornal do Commercio* no dia 19 de setembro de 1861.

Realizamos pesquisa em diversos periódicos brasileiros com data entre 1857 e 1869 e não encontramos *Madame Bovary* em anúncios de outras livrarias. O romance que tantas reações provocara em seu país de origem foi rapidamente disponibilizado aos brasileiros, mas apenas àqueles capazes de ler em língua francesa. Segundo dados de nossa pesquisa em periódicos da segunda metade do século XIX, Baptiste-Louis Garnier era, entre os livreiros instalados na corte, o que mais publicava anúncios de obras nesse idioma. Romances franceses, sobretudo os de intriga folhetinesca, eram sucesso entre o público brasileiro da época, e outras livrarias os ofereciam a seus leitores, porém quase sempre em traduções. A Garnier tinha a particularidade de oferecer os textos na língua original e de estar atenta às novidades. Ao adquirir *Madame Bovary*, romance que, embora escrito por um estreante, era alvo de debates na França, B. L. Garnier demonstrava a atualização de sua livraria. Mesmo sem fazer nenhuma menção ao processo judicial ou à polêmica que a obra desencadeara, proporcionava a seus leitores o contato com uma das obras que vinham ocupando a crítica francesa naquele momento.

Uma crítica pautada na moral

O debate suscitado na imprensa francesa por *Madame Bovary* certamente não era desconhecido dos homens de letras brasileiros. Diversos periódicos franceses circulavam no Brasil e, não raro, tinham trechos traduzidos e publicados na imprensa local. A livraria Garnier, ao final de alguns dos anúncios que veiculava nos jornais da corte, informava que tinha à disposição de seus clientes assinaturas de periódicos franceses de diversas categorias, como podemos observar nas últimas linhas do anúncio no qual constou *Madame Bovary*, no *Jornal do Commercio* de 2 e 4 de abril de 1858: “Assinaturas de todos os jornais da França, políticos, científicos, literários, cômicos [...] ao mais baixo preço possível” (JORNAL DO COMMERCIO, 1858, p. 2). Os frequentadores de bibliotecas também tinham acesso a jornais e revistas estrangeiros. Em um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* de 20 de abril de 1858, a Bibliotheca Fluminense informava que recebia regularmente periódicos portugueses, franceses e ingleses. Entre os periódicos franceses mencionados es-

tavam a *Revue de Paris*, que publicara *Madame Bovary* em capítulos em 1856, a *Revue des Deux Mondes*, que veiculou várias críticas ao romance de estreia de Flaubert, e o *Le Moniteur Universel*, jornal em que o renomado crítico francês Sainte-Beuve publicara uma resenha da obra.

Um indício da repercussão no Brasil da recepção francesa de *Madame Bovary* é o artigo que o crítico Nuno Alvares Pereira e Sousa publicou na *Revista Popular* em 1º de outubro de 1860. Em uma elogiosa resenha do hoje desconhecido romance brasileiro *A filha da vizinha*, de Antonio José Fernandes dos Reis, Nuno Alvares mencionou *Madame Bovary*, condenando-o severamente. O crítico brasileiro partilhava do mesmo critério que norteava a avaliação do romance de Flaubert junto à boa parte da crítica francesa: a moral. Baseando-se nesse parâmetro, recomendou a leitura do edificante *A filha da vizinha* e desaconselhou *Madame Bovary*, avaliando-o como perigoso para as “almas incautas” (SOUSA, 1860, p. 85), que poderiam imitar os exemplos perniciosos que, segundo ele, esse romance disseminava. Resumiu o enredo do romance, sempre condenando o comportamento da personagem Emma Bovary. Para Nuno Alvares, a imoralidade era um cancro que se espalhara pelo romance moderno a partir de Balzac e prosseguia na obra de seus imitadores, entre os quais “Gustavo Flaubert, com um dos romances que tem obtido a maior nomeada em Paris, falamos de *Madame Bovary*” (SOUSA, 1860, p. 84). Ao mencionar que o romance vinha ganhando fama em Paris, o crítico demonstrava ter conhecimento do debate gerado pela obra na imprensa francesa. Ao avaliá-lo com base na moral, não fugia ao padrão da crítica do período. Embora desaconselhando o romance de Flaubert, acabou por divulgá-lo ao público da *Revista Popular*.

Um tradutor frustrado

Ao contrário da rapidez com que edições em francês de *Madame Bovary* chegaram ao nosso país, traduções dessa obra para o português tardaram a surgir. Durante vários anos ainda, o romance de estreia de Flaubert permaneceria acessível no Brasil e em Portugal apenas aos leitores que conheciam a língua francesa. A primeira tradução para o português data de 1881 e foi realizada em Lisboa pelo tipógrafo lusitano Francisco Ferreira da Silva Vieira (GONÇALVES, 2006). Sobre a circulação dessa tradução no Brasil falaremos mais adiante. Traduções brasileiras da obra só viriam a surgir no século XX.

De qualquer modo, se *Madame Bovary* não foi efetivamente traduzido no Brasil no século XIX, não se pode dizer que não tenha

havido ao menos intenções. No início dos anos 1870, um jovem brasileiro vivendo na Europa, entusiasmado com as novidades literárias de Paris, manifestou a intenção de traduzir não apenas *Madame Bovary* como outros romances franceses para publicá-los no Brasil. Artur de Oliveira, então com vinte anos, era uma figura curiosa no mundo das letras brasileiras do século XIX. Nascido em Porto Alegre, transferira-se ainda criança com a família para o Rio de Janeiro, tornando-se, mais tarde, amigo de vários escritores e intelectuais da época. Entre 1870 e 1872, viveu na Europa, a maior parte do tempo em Paris, onde travou conhecimento com escritores como Théophile Gautier e Leconte de Lisle. Teve contato com as principais novidades literárias e artísticas do período e, de volta ao Brasil, pôs-se a transmiti-las aos amigos literatos em rodas de animada conversa (LIMA, 1997). Entre seus escritos, reunidos em 1936 por Luiz Felipe Vieira Souto no volume *Dispersos*, encontram-se diversas cartas dirigidas ao pai, escritas na Europa. Em muitas delas, Artur de Oliveira expressou o seu desejo de fazer traduções para ganhar algum dinheiro e solicitou ao pai que procurasse a livraria Garnier para oferecer esses trabalhos; Machado de Assis, de quem era amigo, seria o intermediador. Em uma dessas cartas, escrita de Paris em 23 de novembro de 1871, o jovem literato demonstrou interesse em traduzir *Madame Bovary*:

Peço-lhe também que fale ao Sr. Dupont na Garnier (é melhor entender-se com o Machado de Assis) para ver se esses Srs. aceitavam algumas traduções que eu tenho de romances de mérito, pois que os romances escritos com alma e arte não se vendem. Tenho assim mesmo fé que a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, há de ter um sucesso extraordinário (OLIVEIRA, 1936, p. 137).

Vivendo em Paris e interessando-se por literatura, Artur de Oliveira provavelmente escolheu traduzir os autores mais em voga na capital francesa naquele momento. Acreditava no sucesso que *Madame Bovary* poderia ter no Brasil baseando-se, certamente, na repercussão que esse romance já havia alcançado na França. Em 1871, Flaubert já publicara outros dois romances: *Salammbô* (1862), que obtivera êxito nas vendas, e *L'éducation sentimentale* (1869), um fracasso de público. O surgimento desses dois livros propiciou novas menções da crítica francesa à *Madame Bovary*. O renome do romance de estreia de Flaubert deve ter despertado em Artur de Oliveira o interesse em traduzi-lo.

Alessandra El Far (2004) assinala que, no final da década de 1860, B. L. Garnier procurou compor uma equipe de tradutores, mas essa iniciativa encontrou, anos mais tarde, barreiras na concorrência com as traduções feitas em Portugal. Na década de 1880, Garnier já havia desistido das traduções, mas no ano em que Artur de Oliveira buscava editor para sua tradução de *Madame Bovary*, 1871, a empreitada possivelmente ainda vigorava. Entretanto, não se tem registro de nenhuma resposta da casa Garnier ao jovem tradutor.

Se Artur de Oliveira realmente concluiu suas traduções não se sabe. Todavia, chegou a entrar em contato com o autor de *Madame Bovary* a fim de lhe pedir permissão para publicar no Brasil uma tradução do romance, o que se pode comprovar por esta carta de Flaubert a seu editor, Michel Lévy, escrita em 11 de fevereiro de 1872:

Meu caro Amigo,

Eu lhe apresento um escritor brasileiro, Sr. Arthur de Oliveira, que já traduziu a metade de *Madame Bovary* e que pede sua autorização para publicar uma tradução portuguesa no Brasil.

Eu lhe dei a minha e conto com a sua. (FLAUBERT, 1998, p. 478, tradução nossa).

O fato de jamais ter sido publicada qualquer tradução de *Madame Bovary* feita por Artur de Oliveira não se deve, pois, a problemas com autorização do autor ou do editor. Em nota relativa à carta transcrita, o organizador da edição da correspondência de Flaubert explica que Michel Lévy escrevera no rodapé da carta: “Concedido em 17 de fevereiro de 1872.” (FLAUBERT, 1998, p. 1.262).

A tradução que Artur de Oliveira pretendia fazer de *Madame Bovary* teria sido a primeira em língua portuguesa, quase dez anos anterior à do português Francisco Ferreira da Silva Vieira.

Tradução para o português: novos públicos?

Em 1881, surgiu, finalmente, a primeira tradução de *Madame Bovary* para a língua portuguesa, realizada por Francisco Ferreira da Silva Vieira, um tipógrafo e tradutor nascido no Porto que terminou seus dias no Brasil. Segundo Luís Carlos Pimenta Gonçalves, pesquisador de traduções portuguesas da literatura francesa, Silva Vieira era uma espécie de “mercenário tipógrafo e aventureiro da tradução” (GONÇALVES, 2006), que também

verteu para o português *Os miseráveis* e *O homem que ri*, de Hugo, *Esplendores e misérias das cortesãs*, de Balzac, *Nana*, de Zola, além dos *best-sellers* de então de Ponson du Terrail, Paul Féval e Alexandre Dumas. *Madame Bovary* não foi, contudo, o primeiro romance de Flaubert a ser traduzido por Silva Vieira. Quase vinte anos antes, em 1862, ele já havia traduzido *Salammbô*, segundo romance publicado por Flaubert. Pimenta Gonçalves assinala que essa inversão fez com que os leitores portugueses que não liam em língua francesa vissem Flaubert como um escritor orientalista.

A tradução de Silva Vieira circulou no Brasil e foi anunciada na imprensa. Em 6 de julho de 1881, uma livraria que não divulgou o próprio nome, apenas o endereço (Rua de São José), publicou um grande anúncio na *Gazeta de Notícias* comunicando sua liquidação. O título geral do anúncio era “Livros baratíssimos”, e havia vários subtítulos, como “Romances”, “Leitura somente para homens”, “Romances importantes a 500 rs. cada volume”, “Outros romances para senhoras somente” etc. *Madame Bovary* figurou na seção “Leitura somente para homens”, ao lado de *Salammbô*, segundo romance de Flaubert, de romances de Zola, como *Nana* e *O matadouro* (*L’assommoir*) e de Eça de Queirós (*O mandarim*), além de *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo.

O anúncio era bastante chamativo e procurava destacar os preços com expressões como “É para aproveitar!”, “boa ocasião” etc. Entre os livros classificados como “Leitura somente para homens”, a maioria eram romances considerados realistas ou naturalistas, de autores que despertaram, em algum momento, no Brasil ou na Europa, reações de parcelas da crítica ainda afeitas ao critério de moralidade: Flaubert, Zola, Eça de Queirós.

Os títulos, em todas as rubricas, figuraram em português, o que faz crer que se tratasse, no caso de obras de literaturas estrangeiras, de traduções. Quanto à *Madame Bovary*, não é possível saber, pelo título, se o exemplar anunciado era traduzido ou não; o nome do autor, no entanto, aparece em versão portuguesa: “Gustavo Flaubert” e não “Gustave”. Além disso, é pouco provável que se tratasse de edição em francês, uma vez que os demais livros anunciados estavam todos em português. É bem possível que se tratasse da tradução de Silva Vieira publicada naquele mesmo ano, já que não se tem notícia de tradução do romance para o português anterior a essa.

Não foi, no entanto, a única vez em que *Madame Bovary* foi anunciado como romance “para homens”. Alessandra El Far identificou um anúncio da Livraria do Povo, de Pedro Quaresma, veiculado no dia 14 de

outubro de 1889, também na *Gazeta de Notícias*, em que o romance de Flaubert aparecia na rubrica “Leitura para homens”, precedido por uma extensa lista de textos de caráter pornográfico, tais como *Serões do convento*, *Os amores secretos de Pio IX*, *O sonho da virgem*, *Sensualidade e amor*, entre outros. Localizamos o referido anúncio no periódico a fim de analisá-lo. Dessa vez, podemos afirmar que a edição de *Madame Bovary* oferecida era mesmo uma tradução, pois o título vinha acompanhado do subtítulo, “Costumes de província”, o que não ocorrera no reclame anterior. O título geral do anúncio era, assim como o do que fora divulgado em 1881, “Livros baratíssimos”. O padrão dos anúncios também era o mesmo: grande, com várias rubricas, procurando chamar a atenção para os preços. Porém, no reclame de 1889, o nome da livraria, Livraria do Povo, aparecia com destaque, diferentemente do anterior, que expunha somente o endereço: Rua de São José, n. 113. A rua, aliás, era a mesma, o que permite supor que se tratasse do mesmo estabelecimento, que apenas mudara de número. Todavia, a semelhança entre os anúncios e a coincidência de rua não são suficientes para que possamos afirmar com certeza que o anúncio veiculado em 1881 também fosse da Livraria do Povo. A Livraria Popular, de Cruz Coutinho, também ficava na Rua de São José, no número 75 (HALLEWELL, 2005). Provavelmente, havia ainda outras na mesma rua. De todo modo, se os dois anúncios não foram estampados pelo mesmo livreiro, partiram de estabelecimentos com propostas semelhantes: atingir um público amplo e atrair leitores por meio dos preços e dos livros de apelo popular.

Nas últimas décadas do século XIX, aliás, tornavam-se cada vez mais comuns as livrarias e os livros populares. Além de coleções de baixo custo lançadas por casas de renome no mercado, surgiram livrarias, como a de Pedro Quaresma, dedicadas a comercializar livros de caráter popular, entre os quais se incluíam edições baratas de sucessos dos velhos folhetinistas franceses, populares desde meados do século, assim como “romances de sensação” e histórias pornográficas (EL FAR, 2004).

Os chamados “romances para homens” eram, em geral, narrativas de cunho pornográfico, que proliferaram na corte brasileira dos anos 1870 em diante, a maior parte vinda de Portugal (EL FAR, 2004). *Madame Bovary*, embora não contivesse as cenas tórridas da maior parte dos “romances para homens”, foi incluído nessa rubrica provavelmente por tratar-se de uma história de adultério. Como explica Alessandra El Far (2004), nem todos os textos classificados como leitura masculina apresentavam descrições de relações sexuais; muitas vezes, a simples

menção de relacionamentos adúlteros bastava para que uma obra entrasse para o rol das “leituras para homens”.

Se em meados do século XIX *Madame Bovary* esteve disponível no Brasil apenas aos leitores que conheciam a língua francesa, no final daquele século, a tradução parece ter aberto as portas para uma certa popularização, ou, pelo menos, para uma diversificação de seu público. Antes encontrado apenas na prestigiosa livraria Garnier, uma vez traduzido, passou a ser comercializado também por livrarias populares, oferecido não mais como novidade francesa, mas como narrativa que poderia agradar os apreciadores de textos picantes.

Ao mesmo tempo que sua tradução era anunciada como romance “para homens” e podia ser adquirida na Livraria do Povo, uma edição em francês de *Madame Bovary* era colocada à disposição dos leitores da Biblioteca Nacional. Entre os livros estrangeiros solicitados pela instituição à livraria Garnier no ano de 1892, encontrava-se o romance outrora processado por imoralidade (PINHEIRO, 2007). Ora, o fato de ter sido encomendado pela Biblioteca sugere que *Madame Bovary* mostrava-se suficientemente relevante a ponto de não poder estar ausente do acervo de uma instituição como a Biblioteca Nacional.

Ao final do século XIX, portanto, *Madame Bovary* circulava no Brasil por meio de estabelecimentos diferentes e voltados a públicos distintos. Enquanto a tradução era oferecida por livrarias populares a leitores provavelmente pouco preocupados com as inovações literárias da obra, edições em língua francesa eram comercializadas pela livraria Garnier e disponibilizadas aos frequentadores da Biblioteca Nacional.

Textos estrangeiros na imprensa brasileira de fins dos Oitocentos

Nas últimas décadas do século XIX, Flaubert foi ganhando prestígio junto à crítica francesa. Na virada para o século XX, seu nome já desfrutava, entre boa parte do universo letrado francês, do *status* de grande autor. Seu escandaloso romance de estreia ganhou novos leitores e novas interpretações. Conquistou admiradores e foi tomado como modelo de composição por parte dos adeptos da escola naturalista. Aos poucos, foi adquirindo reputação de obra-prima.

A passagem de romance imoral a grande obra relaciona-se às mudanças que se foram operando nos critérios de avaliação artística, particularmente dos romances. O critério da moralidade, por exemplo,

extremamente relevante em meados dos Oitocentos, perdeu força no final do século. O próprio gênero romanesco, antes visto com certa desconfiança por determinadas parcelas da crítica, já alcançara, na virada para o século XX, valor de composição artística. Nas resenhas de romances, novos aspectos passaram a ser enfatizados: o fazer literário ganhava importância em detrimento da antiga exigência de instruir e deleitar o leitor (AUGUSTI, 2008; BOURDIEU, 2005).

Também no Brasil os critérios de avaliação de romances foram-se transformando. O fazer literário foi-se tornando um critério cada vez mais importante, ao passo que diminuía o peso do quesito moral nos julgamentos críticos da produção literária.

O prestígio adquirido pelo nome de Flaubert na França e a valorização de sua obra repercutiram por aqui de várias maneiras. Nos últimos anos do século XIX, artigos com referências a Flaubert que haviam sido originalmente publicados em periódicos estrangeiros figuraram traduzidos em jornais brasileiros. No dia 9 de outubro de 1892, com continuação no dia 30 do mesmo mês, o *Jornal do Commercio* publicou um artigo de Theodore Child, um inglês, correspondente em Paris da revista *Harper's New Monthly Magazine*. Child fazia um balanço da literatura francesa daquelas últimas décadas e salientava o papel de Balzac, Flaubert e dos irmãos Goncourt no processo de transição de uma literatura baseada na imaginação e na idealização para uma prosa alicerçada no que ele classificou como “simplicidade e verdade” (CHILD, 1892, p. 2). Aludia ao prestígio de que desfrutava Edmond de Goncourt após a morte de Flaubert: “Desde a morte de Flaubert, era ele considerado como o pai do romance moderno, o antecessor genial e o *cher maître* a quem os estreados dedicam os seus livros [...]” (CHILD, 1892, p. 2). Ao informar o leitor sobre a glória de Edmond de Goncourt na literatura francesa de então, Child informava também, indiretamente, sobre a posição de Flaubert no universo literário daquele tempo. Se Goncourt era visto como mestre do romance moderno somente após a morte de Flaubert, era porque, antes disso, Flaubert é que era assim considerado.

O artigo de Theodore Child havia sido originalmente publicado em inglês na edição de agosto de 1892 da *Harper's New Monthly Magazine*, apenas dois meses antes, portanto, de ser divulgado em português no *Jornal do Commercio*. Chama a atenção a rapidez com que o texto foi traduzido e disponibilizado aos leitores brasileiros.

O mesmo periódico que reproduzira o artigo de Child transcreveu, na coluna “Crônica estrangeira” de 16 de dezembro de 1892, uma

carta de Flaubert a Laure de Maupassant, mãe de Guy de Maupassant e amiga de longa data do autor de *Madame Bovary*. Na carta, escrita em 23 de fevereiro de 1873, Flaubert revelava sua rejeição ao gosto burguês e incentivava a vocação literária de Maupassant. Antes de transcrevê-la, o colunista informou que a quarta série da correspondência de Flaubert sairia em volume dentro de poucos dias. Ele se referia à publicação das cartas, na França, pela editora Charpentier.

A publicação em livro da correspondência de Flaubert sinalizava a importância que seu nome adquirira nas últimas duas décadas do século XIX. Ao traduzir e transcrever uma das cartas, anunciando o lançamento de mais um volume da correspondência, o colunista do *Jornal do Comércio* informava seus leitores, ainda que indiretamente, sobre o lugar ocupado por Flaubert no universo literário francês daquele momento.

No dia 13 de agosto de 1893, a mesma coluna transcreveu trechos dos álbuns de viagem e prefácios de Guy de Maupassant, que havia falecido em julho. Nos excertos escolhidos, o contista expunha sua visão a respeito da criação literária, mostrando que essa concepção havia sido desenvolvida a partir dos ensinamentos de Flaubert. Todo o sofrimento da escrita, a busca da frase perfeita, da palavra exata, enfim, os princípios da composição artística de Flaubert ressoavam em Maupassant e em suas concepções literárias. Ao transcrever esses fragmentos, a coluna não apenas expunha o pensamento de Maupassant a respeito da literatura, mas também o de Flaubert. A imagem de um Flaubert constantemente em busca da palavra exata, trabalhador incansável do texto, que vinha sendo cada vez mais difundida na França, era apresentada aos leitores brasileiros por meio das palavras de um dos mais devotados discípulos do romancista.

Em 28 de agosto de 1897, com continuações em 31 de agosto e 3 de setembro, o jornal *Correio Paulistano* publicou, traduzida, uma conferência sobre Flaubert que Paul Bourget havia proferido em Oxford naquele ano. Segundo informava o próprio periódico paulista, o texto fora originalmente publicado na revista britânica *Fortnightly Review* em 23 de junho de 1897. Mais uma vez, portanto, um ensaio estrangeiro era traduzido e apresentado aos leitores brasileiros com notável prontidão. Na conferência, Bourget traçava um panorama da vida e da obra do escritor; descrevia-o como um grande artista e salientava o seu devotamento à arte, reforçando a imagem de um Flaubert mártir da escrita. Concentrando-se na análise de *Madame Bovary*, composição que considerava de “linguagem incomparável” (BOURGET, 1897, p. 2-3), Bourget procurava

ressaltar a ambiguidade constitutiva da obra de Flaubert, particularmente visível em seu primeiro romance: a combinação das duas grandes correntes que marcaram o século XIX, romantismo e realismo.

A conferência de Bourget em Oxford faz parte da consagração de Flaubert que se operou no final do século XIX, quando o escritor imoral que chocara seus contemporâneos com um romance destoante dos padrões vigentes passou a ser visto, após um processo de transformação nas concepções artísticas motivado, em parte, por suas próprias obras, como um grande nome na literatura francesa. A publicação desse texto no Brasil permitia aos leitores locais ter ideia do lugar ocupado por Flaubert, naquele momento, na literatura de seu país. Conforme já havíamos mencionado, periódicos estrangeiros circulavam no Brasil oitocentista; assim, é possível que uma parte de nossos letrados já conhecesse as ideias de Bourget e de outros críticos franceses sobre a obra de Flaubert. Do contrário, o texto da conferência de Bourget talvez nem tivesse sido traduzido e publicado no *Correio Paulistano*. Todavia, ao traduzi-lo e divulgá-lo, o jornal disponibilizava-o a um público possivelmente mais amplo, e o texto passava a compor um repertório de interpretações da obra de Flaubert na imprensa brasileira.

Madame Bovary e Flaubert segundo a crítica brasileira de fins dos Oitocentos

O processo de valorização da obra de Flaubert que se operou no final do século XIX repercutiu nos escritos de diversos críticos brasileiros. Nas últimas décadas dos Oitocentos, o nome de Flaubert foi diversas vezes mencionado por críticos brasileiros, embora nenhum longo estudo tenha sido dedicado ao escritor. Ao que parece, o autor já era suficientemente conhecido dos homens de letras brasileiros, pois, dos anos 1880 em diante, não era raro encontrar, na produção crítica nacional, textos sobre outros escritores em que, por um motivo ou outro, fazia-se alusão a Flaubert, sem apresentações ou explicações, mencionando-o como um nome já célebre o bastante no meio letrado daquele tempo. O autor de *Madame Bovary* parecia já fazer parte do repertório cultural dos homens de letras brasileiros da virada do século XIX para o XX.

A busca obstinada de Flaubert pela palavra exata foi louvada por Adolfo Caminha (1895), que interpretava *Madame Bovary*, a partir das leituras de Zola, como o “código da nova arte” (CAMINHA, 1895, p. 87).

Araripe Júnior expressou-se sobre Flaubert em textos de 1886, 1888, 1889 e 1905. Qualificou o romancista francês de “Colombo da arte do século XIX” (ARARIPE JR., 1960, p. 40), salientando o seu caráter inovador, de ruptura com os artificios em proveito de uma arte simples. Condenou, contudo, o suposto desinteresse de Flaubert pelas questões sociais (ARARIPE JR., 1966).

Para Sílvio Romero (2002), Flaubert era um dos predecessores de Zola, representante das correntes da segunda metade do século, alinhado ora aos naturalistas, ora aos escritores que aliavam desequilíbrio e genialidade.

Diferentemente de Romero, José Verissimo (1977) não apontou Flaubert como predecessor de Zola. Viu-o como um herdeiro de Balzac que ultrapassara o mestre em linguagem e estilo. Sua interpretação aproximava-se das realizadas por vários críticos franceses das últimas décadas do século XIX, que relacionaram Flaubert a Balzac, porém atestando a superioridade da linguagem e do estilo daquele. Em ensaio publicado originalmente em 1889, Verissimo referiu-se a *Madame Bovary* como uma “das obras-primas de todos os tempos” (VERISSIMO, 1977, p. 194).

Fosse com reprovações ou elogios, a crítica brasileira de fins do século XIX transmitia de Flaubert a imagem de um autor consagrado. *Madame Bovary*, o romance imoral de meados dos Oitocentos, era mencionado, no limiar do século XX, como obra-prima.

Considerações finais

Livreiros, tradutores, críticos e, de modo mais geral, a própria imprensa tiveram papel relevante no percurso de circulação e recepção de *Madame Bovary* no Brasil oitocentista. A casa Garnier, responsável pela primeira comercialização da então novidade literária na corte brasileira, poderia ter tido papel ainda mais amplo, sendo a primeira a editar o romance de Flaubert em português, se tivesse atendido aos anseios do frustrado tradutor Artur de Oliveira. Não se sabe se Garnier chegou a ser informado das intenções do jovem intelectual; no entanto, é tentador especular se uma provável tradução de *Madame Bovary* sob a chancela Garnier abriria a obra para uma relativa popularidade, como ocorreu com a primeira tradução portuguesa. O fato é que, uma vez traduzido por Silva Vieira, já no final do século, o romance escapava à exclusividade dos círculos letrados que consumiam textos em língua francesa para dirigir-se a novos públicos.

A imprensa brasileira dos últimos anos do século XIX, atenta às discussões do universo literário europeu, inseria os leitores locais no que podemos considerar uma recepção internacional de *Madame Bovary* e de Flaubert ao transcrever textos estrangeiros sobre o autor.

Por fim, a crítica brasileira de fins dos Oitocentos manifestava-se sobre Flaubert e, ao referir-se a *Madame Bovary*, romance outrora considerado imoral (tanto na França quanto pelo brasileiro Nuno Alvares), como obra-prima, atestava que os critérios de avaliação de romances haviam mudado e que o gênero romanesco era apreciado sob prismas diferentes dos que predominaram em meados do século.

Referências

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ARARIPE JR. O Ateneu e o romance psicológico. In: _____. **Obra crítica**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960. v. 2.

_____. O Ateneu e o romance psicológico. In: _____. **Obra crítica**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1966. v. 4.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douca: a consagração do romance no Brasil do Oitocentos. In: ABREU, Márcia (Org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 393-414.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURGET, Paul. Gustave Flaubert. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 2-3, 31 ago. 1897.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. Rio de Janeiro: Typographia Aldina, 1895.

CHILD, Theodore. Pariz litterario. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 9 out. 1892.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FLAUBERT, Gustave. Carta a Laure de Maupassant. In: ALTER EGO. Chronica estrangeira. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1892.

_____. **Correspondance**. Org. Jean Bruneau. Paris: Gallimard, 1998. t. 4. (janvier 1869-décembre 1875).

GARNIER. Anúncio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1858.

_____. Anúncio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 4 abr. 1858.

_____. Relação mensal dos livros adquiridos pela livraria Garnier. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, t. 4, out./dez. 1859.

GONÇALVES, Luís Carlos Pimenta. Francisco Ferreira da Silva Vieira auteur de *Madame Bovary*. **Apef**, 2006. Disponível em: <<http://www.apef.org.pt>>. Acesso em: 1º nov. 2010.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2005.

LIMA, Israel de Souza. **Bibliografia dos patronos Artur de Oliveira e Basílio da Gama**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1997.

MAUPASSANT, Guy de. In: ALTER EGO. Chronica estrangeira. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1893.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. **De romance imoral a obra-prima: trajetórias de *Madame Bovary***. 2012. 346 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Artur de. **Dispersos**. Organização de Luiz Filipe Vieira Souto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. 2007. 279 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

ROBERT, Joëlle. L'édition de La Correspondance de Flaubert, Bibliothèque de la Pléiade, 2003. t. 5. Disponível em: <<http://www.flaubert.univ-rouen.fr>>. Acesso em: 26 maio 2011.

ROMERO, Silvio. Sobre Emilio Zola. In: _____. **Estudos de literatura contemporânea**. Organização de Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Ed. da UFS, 2002.

SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha: romance do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, t. 8, p. 84-89, out./dez. 1860.

VERISSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: _____. **Teoria, crítica e história literária**. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Edusp, 1977. p. 179-202.

Jornais

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, 20 abr. 1857.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 2 abr. 1858.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 4 abr. 1858.